

LINHA PRETA: um roteiro afrocuritibano para a produção do espaço da cidade

Black Line: an Afro-Curitiba roadmap for the production of city space

OLIVEIRA, Andrea V. B.; Mestranda da linha de pesquisa Teoria e História do Design, no Programa de Pós-Graduação em Design da UFPR; Universidade Federal do Paraná

andreaoliveira@ufpr.br

Corrêa, Ronaldo O.; Prof. Dr. no Departamento de Design e do Programa de Pós-Graduação da UFPR e professor do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da UTFPR; Universidade Federal do Paraná

rcorrea@ufpr.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo cotejar o roteiro da Linha Turismo, do Instituto Municipal Curitiba Turismo, ao roteiro do Projeto Linha Preta. A partir disso, propõe-se uma reflexão sobre os movimentos de enquadramento da memória que marcam a presença da população negra na produção do espaço urbano da cidade de Curitiba. Ao sobrepor e contrastar os dois percursos, observaram-se as similaridades no uso da materialidade dos elementos que compõem o espaço urbano e as diferenças no uso desses elementos como suporte para as contraposições narrativas, que constituem os tensionamentos das dinâmicas na produção do espaço urbano. Para tal abordagem, utiliza-se como metodologia a coleta e análise de dados nos sites do Instituto Municipal de Turismo e do Linha Preta, além de revisão assistemática de literatura, com aporte teórico de Ana Calvera (2005), Henri Lefebvre (2006), Stuart Hall (2016) e Tony Fry (1989, 2017).

Palavras Chave: Memória da população negra; Produção do espaço urbano; Design.

Abstract

The aim of this article is to compare the itinerary of the Tourism Line, run by the Curitiba Tourism Municipal Institute, with the itinerary of the Black Line Project. It proposes a reflection on the framing movements of memory that mark the presence of the black population in the production of urban space in the city of Curitiba. By overlapping and contrasting the two routes, we observed the similarities in the use of the materiality of the elements that make up the urban space and the differences in the use of these elements as support for narrative counterpoints, which constitute the tensions of the dynamics in the production of urban space. For this approach, the methodology used was data collection and analysis on the websites of the Municipal Tourism Institute and Black Line, as well as an unsystematic literature review, with theoretical input from Ana Calvera (2005), Henri Lefebvre (2006), Stuart Hall (2016) and Tony Fry (1989, 2017).

Keywords: Memory of the black population; Production of urban space; Design.

1 Narrativas Fundadoras

As narrativas acerca da formação das cidades produzem um entrelaçamento histórico sobre a presença de determinados povos na produção dos espaços urbanos. Esses relatos revelam uma prática historiográfica, exercida por “homens de letras reunidos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” (Mendonça, 2016, p. 221), que sedimenta um recorte do passado no espaço identitário que contém em si uma ideia de nacionalidade. Segundo a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), assim como os demais institutos históricos, desempenhava o papel de “construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos.” (Schwarcz, 1993, p. 99). Nesse processo, elementos do passado são destacados ou omitidos, moldando a história num trabalho de enquadramento da memória¹. Como “tradições inventadas”², as narrativas fundadoras criadas para explicar e legitimar esses espaços servem como alicerces para a construção da identidade cultural e histórica das cidades, fornecendo uma base para a compreensão de valores, crenças e práticas sociais da sociedade em que estão inseridas.

Nesse enquadramento narrativo, populações historicamente marginalizadas³ são sistematicamente omitidas dos relatos oficiais e das materialidades que constroem as representações históricas dos espaços urbanos. Os movimentos de enquadramento da historiografia das cidades muitas vezes deixam de fora a participação dessas populações na construção e evolução social dos espaços urbanos.

Nesta aproximação com o tema de pesquisa, além de apresentar alguns dos aspectos históricos que movimentam as disputas narrativas sobre a produção do espaço urbano na cidade de Curitiba, pretende-se utilizar o método comparativo como ferramenta de análise das características presentes nos roteiros da Linha Turismo e da Linha Preta. Esta abordagem permite uma relação com a complexidade das diferentes histórias e suas interações, proporcionando uma compreensão mais ampla e multifacetada das diferentes narrativas propostas.

Ao traçar um paralelo com as pesquisas sobre a historiografia do design, podemos encontrar elementos que reforçam a ideia de disputa na construção de uma narrativa mais ampla e plural ao tratar de histórias marginalizadas⁴ (Campi, 2013). Os conceitos de margem e periferia abordados pelos pesquisadores Ana Calvera (2005) e Tony Fry (1989, 2017), colocados em relação aos conceitos de produção de espaço e representação, nos fazem reconhecer as múltiplas centralidades

¹ O conceito de “enquadramento da memória”, abordado pelo sociólogo e historiador francês Michael Pollak (1989), trata do processo pelo qual as memórias são selecionadas, organizadas e enquadradas por diferentes atores sociais e instituições. Segundo o autor “O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história.” Isso implica em diferentes formas de interpretação e de associação com outras referências, mantendo e modificando fronteiras sociais em um trabalho incessante de reinterpretar “o passado em função dos combates do presente e do futuro.” (Pollak, 1989, p. 9).

² Por “tradição inventada” entende-se o conjunto de práticas geralmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas de caráter ritual ou simbólico, que tem como objetivo fixar determinados valores e normas de comportamento através da repetição (Hobsbawn e Ranger, 2008). Nesse contexto, as tradições, inclusive as inventadas, tem por objetivo e característica a invariabilidade. “O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição.” (Hobsbawn e Ranger, 2008, p.10).

³ Entende-se por grupos marginalizados a população negra, indígena, cigana, LGBTQIAPN+ e pessoas em situação de rua.

⁴ Ao trazer para o debate sobre a historiografia do design a perspectiva de gênero e a inclusão de histórias periféricas, a pesquisadora Isabel Campi, amplia o campo de estudos e apresenta novas possibilidades de temas e enfoques na história e crítica do design. Essas abordagens expõem “questões centrais”, uma vez que “desafiam métodos, interpretações e fundamentos que pareciam estar consolidados.” (Campi, 2013, p. 67).

e a fluidez das margens. O que nos permite reconfigurar narrativas, valorizando as interações complexas e dinâmicas entre diversos centros de poder e conhecimento.

2 Enquadramento da memória

A dinâmica de produção da história como uma tradição inventada (Hobsbawn e Ranger, 2008) aplica-se tanto ao projeto de uma nação quanto ao de uma região ou de uma cidade. Os registros históricos oficiais sobre a formação do Estado do Paraná e da cidade de Curitiba vinculam as características de sua população e de seus espaços urbanos à presença de populações predominantemente europeias desde meados do século XIX (Mendonça, 2016). Isso acontece devido ao projeto de desenvolvimento da região, principalmente a partir da emancipação da província do Paraná, que visava preencher áreas consideradas vazias demográficas pelas autoridades, apesar da presença de povos originários e de comunidades locais (Mendonça, 2016). A chegada das populações europeias foi então associada ao desenvolvimento da província, influenciando tanto o imaginário local quanto as “práticas pelas quais se definiam e se implementavam as políticas públicas” (Mendonça, 2016, p. 223).

No começo do século XX, esse projeto de identidade paranaense contou com a participação de intelectuais vinculados ao Movimento Paranista⁵, como Romário Martins e Wilson Martins. Esses autores reforçaram a importância da imigração europeia na constituição da população do Estado, minimizando a relevância da escravidão na história regional. Além disso, consolidaram uma construção histórica em que a participação de africanos e povos originários é ocultada.

Um grande e constrangedor silêncio habita a maior parte dos arquivos brasileiros e coloniais, e, sobretudo, dos nossos manuais e livros didáticos. Neles, enquanto os registros de atos empreendidos pela população branca estão por toda parte, as referências acerca da imensa população escravizada negra que viveu no país, desde meados do século XVI até praticamente o fim do século XIX, são bem escassas. (Gomes, Lauriano e Schwarcz, 2021, p. 9)

Essas narrativas hegemônicas, selecionadas para destacar a participação da população branca no desenvolvimento da província paranaense, foram amplamente divulgadas e propagadas por meio de material didático, monumentos e eventos comemorativos⁶. Esses artefatos são registros do movimento de enquadramento da memória (Pollak, 1989) que silencia a presença de pessoas escravizadas e seus descendentes na história do estado e da cidade de Curitiba.

A partir de meados da década de 1960, pessoas da comunidade de pesquisa historiográfica paranaense passaram a ressaltar a relevância da escravidão na constituição do estado do Paraná. Elas utilizaram diferentes recortes historiográficos, evidenciando o papel demográfico, econômico e cultural dos afrodescendentes na região. Além disso, iniciativas de História Pública⁷ têm

⁵ O Paranismo foi um movimento que teve início após a emancipação política do estado, em 1853, e que se popularizou no final da década de 1920. O termo é de autoria de Alfredo Romário Martins e foi utilizado “para designar os que nutriam amor pelo Paraná e estavam dispostos, através do discurso, a louvá-lo e reconhecerem nele um lugar onde a população teria as perfeitas condições para se desenvolver como civilização” (Iurkiv, 2002, p. 131). O Movimento Paranista foi influenciado pelas teorias raciais, eugenistas e racistas, do final do século XIX e início do século XX, que buscavam o “tipo racial brasileiro” (Cardoso, 2022, p.248) por meio do branqueamento da população (Schwarcz, 1993).

⁶ O IHGB, assim como sua contraparte no Paraná (o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense), adotava uma abordagem comemorativa na criação da história nacional, como relata Lília Schwarcz “Fazer história da pátria era antes de tudo um exercício de exaltação” que se efetivava em “uma prática efetiva de produção de monumentos, medalhas, hinos, lemas, símbolos e uniformes próprios ao estabelecimento.” (Schwarcz, 1993, p.104).

⁷ O conceito de História Pública pode apresentar diferentes significados, dependendo do país e do pesquisador que a ele se refere. De maneira ampla, pode ser tratado como um ou diversos meios de apresentar a história produzida em

reconfigurado a identidade regional, destacando a memória da escravidão e da presença africana, contribuindo para uma visão inclusiva da história local.

Mesmo com esses esforços para incluir a população negra na historiografia do estado e da cidade de Curitiba, a reiterada divulgação de uma identidade regional promovida oficialmente ainda é fortemente associada à imigração europeia. Essa identidade é perpetuada através de textos oficiais, eventos festivos e monumentos, e continua a influenciar tanto os visitantes quanto os habitantes locais. A noção de identidade regional acionada nesta investigação refere-se ao conceito de “tradição inventada” (Hobsbawn e Ranger, 2008), com o objetivo de relacionar essa construção simbólica à uma tradição que necessita da repetição contínua para cimentar seus valores e crenças, em detrimento da possibilidade de outras narrativas que constituem os espaços de representação. Nesta aproximação teórica, entende-se espaço de representação a partir da articulação dos conceitos de “representação do espaço” e “espaço de representação”⁸ de Henri Lefebvre (2006) e de “representação”⁹ de Stuart Hall (2016). Ambos os autores tratam as representações como produto (e produção) de práticas sociais e culturais dinâmicas e em permanente contestação.

A disputa por esse espaço narrativo foi intensificada com a mobilização de grupos de afrodescendentes que, ao pressionar a sociedade e as instâncias governamentais, conseguem questionar e desconstruir mitos ao fragmentar as narrativas oficiais (Harvey, 2008) e abrir brechas para o movimento de reenquadrar memórias (Pollak, 1989) presentes fora desse campo de visão.

3 A perspectiva racial como lente

O processo de invisibilização da população negra se reflete nas práticas de apagamento cultural e histórico, que tentam fixar o movimento de construção da identidade da cidade de Curitiba como a de “cidade mais europeia do Brasil” (Mendonça, 2016). Essa tentativa de cristalização de uma identidade paranaense não reflete os tensionamentos inerentes à complexidade dos processos de fragmentação e deslocamento identitários característicos do pós-modernismo ou da modernidade tardia (Hall, 2022). Nesse contexto, as contranarrativas¹⁰ procuram movimentar as disputas envolvidas na produção (e reprodução) do espaço das ações, práticas, relações e experiências sociais (Lefebvre, 2006). Ao mesmo tempo, elas fazem parte dessas disputas, confrontando discursos¹¹ hegemônicos que buscam manter estáveis as posições e representações culturais.

Representação, aqui, está intimamente ligada à identidade e ao conhecimento. Pois, na

uma formação acadêmica tradicional, de forma acessível ao maior número de pessoas. Segundo Albieri, “é como se a historiografia acadêmica [...] vazasse por muitos poros, e formasse uma intrincada rede de vasos comunicantes que sustenta e alimenta a visão comum do que é a história” (ALBIERI, 2011, p. 21).

⁸ Para Lefebvre, “as representações do espaço seriam penetradas de saber (conhecimento e ideologia misturadas) sempre relativo e em transformação” (Lefebvre, 2006, p. 69), é o espaço do planejamento urbano e da arquitetura. Enquanto os “espaços de representação, vividos mais que concebidos [...] Penetrados de imaginário e de simbolismo, eles têm por origem a história, de um povo e a de cada indivíduo pertencente a esse povo (Lefebvre, 2006, p. 70).

⁹ Para Hall a representação “é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” (Hall, 2016, p.31). É o que “diz respeito à produção de sentido pela linguagem” (Hall, 2016, p.32).

¹⁰ O termo contranarrativa é usado em referência ao que Stuart Hall trata como “elementos de um discurso que é diferente - outras formas de vida, outras tradições de representação.” (Hall, 2003, p. 342).

¹¹ Em referência à noção de discurso utilizada por Stuart Hall em Cultura e Representação que trata a perspectiva discursiva em “referência a qualquer abordagem em que o sentido, a representação e a cultura são elementos considerados constitutivos.” (Hall, 2016, p. 26).

realidade, é difícil saber o que "ser inglês" - ou mesmo francês, alemão, sul-africano, japonês - significa fora do escopo em que nossos conceitos e imagens de identidade e cultura nacionais foram representados. Sem esses sistemas de "significação", seríamos incapazes de adotar tais identidades (ou mesmo de rejeitá-las) e consequentemente incapazes de fomentar ou manter essa realidade existencial que chamamos de cultura. (Hall, 2016, p. 25).

A produção das representações nos espaços urbanos está em permanente deslocamento entre posições discursivas e estratégias culturais (Hall, 2003) que refletem e respondem às dinâmicas de poder e resistência. Stuart Hall argumenta que as estratégias culturais são formas de resistência e adaptação utilizadas por grupos marginalizados para negociar suas identidades dentro de estruturas de poder (Hall, 2003).

A hegemonia cultural nunca é uma questão de vitória ou dominação pura (não é isso que o termo significa); nunca é um jogo cultural de perde-ganha; sempre tem a ver com a mudança no equilíbrio de poder nas relações da cultura; trata-se sempre de mudar as disposições e configurações do poder cultural e não se retirar dele. (Hall, 2003, p. 339).

Essas estratégias culturais incluem a reivindicação de espaços de representação e a criação de contranarrativas que desafiam a hegemonia de narrativas fundadoras.

Nesse sentido, se faz necessário pensar a produção do espaço urbano não apenas como uma questão de organização e planejamento da materialidade do espaço concebido (Lefebvre, 2006), mas também de como as relações raciais são percebidas e vivenciadas, destacando a intersecção entre espaço, poder e representação. Isso envolve relacionar os conceitos de representação (Hall, 2016) e de produção do espaço urbano (Lefebvre, 2006), para compreender como as representações culturais e sociais moldam e são moldadas pelos movimentos de enquadramento da memória, que constituem os tensionamentos das dinâmicas na produção do espaço urbano.

4 O espaço em disputa

Cidades turísticas, como Curitiba, fazem uso de rotas planejadas de turismo para apresentar uma história da cidade, destacando pontos de interesse, como áreas naturais, marcos históricos e arquitetônicos, que contribuem para a construção de uma ideia de cidade. Ao longo de sua história, Curitiba recebeu inúmeras alcunhas, como Capital Ecológica, Cidade Sustentável, Capital da Inovação e *Smart City*¹². Essas denominações fazem parte das estratégias de *branding e marketing*¹³ da cidade, que, em conjunto com as narrativas históricas, reforçam os discursos que passam a caracterizar a cidade. Da mesma forma, as dinâmicas sociais que produzem os espaços urbanos (Lefebvre, 2006) geram contranarrativas que disputam com as dinâmicas institucionais os discursos sobre a produção das relações e práticas sociais, proporcionando outras possibilidades de leitura da cidade.

¹² A denominação de Capital Ecológica aconteceu devido a várias iniciativas que destacaram a cidade em termos de sustentabilidade e gestão ambiental. Entre as políticas públicas implementadas, destacam-se os programas de reciclagem de resíduos e a preservação de áreas verdes, iniciados ainda na década de 1980. O título de Cidade Sustentável foi conferido a Curitiba em 2022, com a divulgação da lista de cidades da revista canadense *Corporate Knights*. Em 2023, a cidade recebeu os títulos de Capital da Inovação e *Smart City*, oferecidos, respectivamente pela Associação Nacional das Cidades Inteligentes, Tecnológicas e Inovadoras (Anciti) e pelo *World Smart City Awards*. Fontes: Portal Neo Mondo e Portal de Notícias da Prefeitura da Cidade de Curitiba.

¹³ A noção de marketing urbano refere-se às práticas de promoção e posicionamento das cidades como produtos. Estas estratégias visam elevar a imagem da cidade para atrair investimentos, priorizando interesses econômicos. Este enfoque frequentemente coloca a cidade em rankings competitivos e utiliza técnicas empresariais de promoção em detrimento de políticas públicas inclusivas que atendam às necessidades de todos os cidadãos. Assim, as cidades são tratadas como mercadorias, valorizadas mais por seu potencial de lucro do que pelo bem-estar de seus habitantes. (Almeida; Engel, 2017)

Para Henri Lefebvre, o espaço não existe em si mesmo, ele produz e é produzido pelas práticas sociais e pela ação do tempo histórico, portanto atravessado por confrontos e relações de poder.

A organização do espaço centralizado e concentrado serve ao mesmo tempo ao poder político e à produção material, otimizando os benefícios. Na hierarquia dos espaços ocupados as classes sociais se investem e se travestem. (Lefebvre, 2006, p. 14).

As dinâmicas sociais produzidas a partir de projetos urbanísticos que tratam os espaços urbanos de forma homogênea e hierárquica são marcadas por abordagens que ignoram as complexidades e diversidades das práticas espaciais cotidianas das pessoas (Lefebvre, 2006).

Organizações sociais de grupos marginalizados, como a população negra, produzem dinâmicas sociais que disputam o espaço urbano por meio de manifestações de protesto em datas simbólicas, como a organizada pelo Núcleo Periférico no dia 13 de maio¹⁴ na cidade de Curitiba. Além de realizar eventos que valorizam a música e as manifestações artísticas, como as que acontecem na Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio¹⁵, a estética e a beleza negra como a Marcha do Orgulho Crespo¹⁶ e as manifestações religiosas como a lavagem das escadarias da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito¹⁷, ambas acontecem em novembro, mês da consciência negra. Não menos importantes são as manifestações de rua, como a roda de capoeira que ocorre quinzenalmente na Praça Tiradentes e na Rua XV de Novembro¹⁸, ou o grafite do artista Rimon Guimarães¹⁹, que se espalha pelas ruas do centro da cidade, um espaço onde a população negra residia e circulava em outro tempo (Santos, Braga e Pinheiro, 2019).

Essas práticas coletivas de ocupação de espaços de memória da população negra constituem as ações de produção do espaço social da cidade de Curitiba, desobedecendo ao projeto de espaço percebido (Lefebvre, 2006) a partir da inserção no espaço público daqueles que estão fora do enquadramento histórico e de um imaginário de cidade. Ou como sugerem Correa, Dearmas e Angelero (2018), em sua proposta de urbanismo de baixo para cima:

Tomemos isso como ponto de partida: O direito à cidade de Lefebvre deve ser entendido como um programa de ação que convida aqueles que fazem o urbano a criar, inventar e redesenhar as parcelas que produzem a cidade contra ou apesar de – mas coexistindo com – o planejamento urbano e os impulsos capitalistas que o sustentam. (Correa, Dearmas e

¹⁴ Ação denominada “Dona Isabel que história é essa?”, realizada pelo Núcleo Periférico no dia 13 de maio de 2024, na cidade de Curitiba. Fonte: <https://www.instagram.com/p/C69poybtFZe/>

¹⁵ A Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio é uma das mais antigas sociedades formadas por pessoas negras no Brasil do pós-Abolição. Atualmente promove atividades culturais e de mobilização como as comemorações do 13 de maio e o evento “Um Baile Bom”. Fonte: <https://afrocuritiba.ufpr.br/sociedade-operaria-beneficente-13-de-maio/>

¹⁶ Movimento social originado na cidade de São Paulo, a Marcha do Orgulho Crespo é realizada na capital do Paraná desde 2016, e em 2023 entrou no calendário oficial da Prefeitura da Cidade de Curitiba. Fonte: <https://www.curitiba.pr.leg.br/informacao/noticias/marcha-do-orgulho-crespo-e-incluida-no-calendario-de-curitiba-para-2024>

¹⁷ Inspirada na lavagem das escadarias do Bonfim em Salvador, o ato acontece desde 2009 e faz parte das celebrações pela Consciência Negra e da homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Fonte: <https://www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/igreja-do-rosario-curitiba-construida-sangue-dos-escravizados/>

¹⁸ As rodas de capoeira são promovidas por diferentes grupos de capoeiristas da cidade de Curitiba. Fonte: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/grupos-de-curitiba-celebram-o-dia-do-capoeirista-na-praca-tiradentes/47079>

¹⁹ Artista curitibano que tem painéis espalhados pela cidade de Curitiba e outras cidades do Brasil e do mundo. Fonte: <https://casapino.com.br/pino/local/obra-de-rimon-guimaraes-e-simbolo-de-arte-que-se-espalha-pelo-centro-curitibano/>

Angelero, 2018, p. 28).

Embora a presença da população negra na história da produção do espaço social de Curitiba seja comprovada “por meio de muitos documentos e de uma rica iconografia” (Mendonça, 2020, p. 101), essa participação não é apresentada como parte da história oficial da cidade por órgãos como o Instituto Municipal Curitiba Turismo, departamento da prefeitura responsável pelo setor de turismo da cidade e pelo projeto da Linha de Turismo oficial de Curitiba²⁰.

Ao contextualizar os movimentos de enquadramento histórico presentes na construção de uma ideia de cidade, pretende-se tratar a produção do espaço urbano como um processo de disputa permanente, onde práticas espaciais, representações e vivências se encontram e se tensionam ao ampliar e deslocar as margens que enquadram as memórias.

Para realizar o cotejamento e a sobreposição propostos nesta investigação, é necessário apresentar as duas experiências turísticas com abordagens históricas e vivenciais distintas para a cidade de Curitiba: a Linha Turismo e o Projeto Linha Preta.

5 Sobreposições espaciais

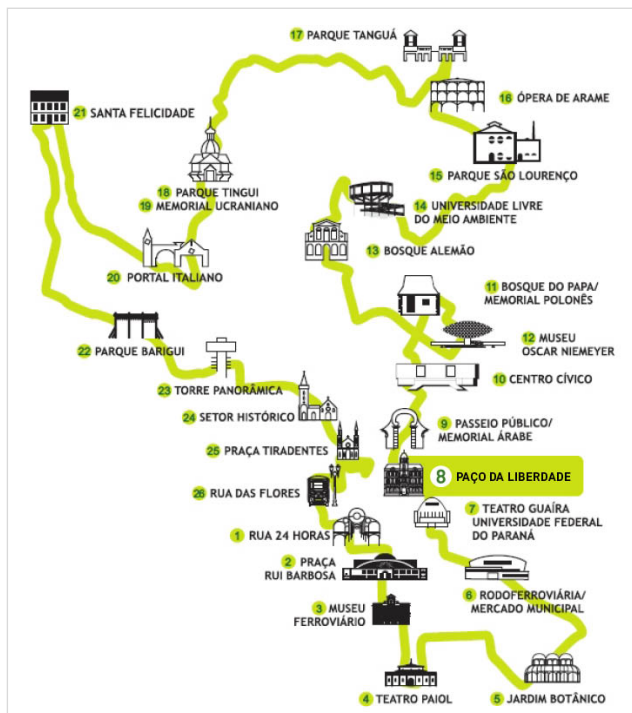
Ao apresentar os roteiros da Linha Turismo e da Linha Preta, busca-se, em um primeiro momento, identificar as recorrências e possíveis ausências nos relatos históricos apresentados em ambos os percursos. Além dessa sobreposição, foi realizada uma comparação direta entre um ponto comum aos dois percursos: o Paço da Liberdade.

O eixo temático do roteiro da Linha Turismo é a experiência turística proporcionada pela vivência de um recorte da história, da natureza e da cultura de Curitiba, produzidos a partir de representações mediadas, mercantilizadas e institucionalizadas pelos órgãos oficiais da cidade. Apresentado em 26 pontos²¹, o roteiro da Linha Turismo permite aos visitantes uma visão dos aspectos mais emblemáticos e turísticos da cidade. O percurso é feito com um ônibus de dois andares que passa por diversos pontos de interesse turístico. As informações sobre os pontos turísticos são apresentadas por meio de gravação com uma descrição breve, em diferentes idiomas (inglês, espanhol e francês) de cada local do trajeto. A Linha Turismo funciona de terça a domingo, com saídas regulares a cada 30 minutos, tem o custo de cinquenta reais e permite que o turista desça e reembarque quantas vezes quiser durante um período de 24 horas.

²⁰ Linha turística que faz parte do Instituto Municipal Curitiba Turismo, autarquia municipal criada para atender exclusivamente as questões do setor de Turismo, dada a sua relevante importância econômica, social e cultural que a atividade representa no Município, além de contribuir significativamente na geração de emprego e renda. Informação disponibilizada no site: <https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/quem-somos/3>

²¹ Roteiro disponível no site do Instituto Municipal Curitiba Turismo: <https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/linha-turismo/10>

Figura 1 - Mapa do roteiro da Linha Turismo da cidade de Curitiba.



Fonte: Imagem produzida pela autora a partir de mapa desenvolvido pelo Instituto Municipal Curitiba Turismo. Disponível em <https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/linha-turismo/10>. Acesso em: 28/04/2024

Um dos contrapontos²² ao roteiro oficial de turismo da cidade é o Projeto Linha Preta, uma caminhada feita no centro histórico de Curitiba que tem como objetivo principal valorizar e dar visibilidade à contribuição da população negra na história da cidade²³.

O roteiro apresenta 21 pontos²⁴ com referências históricas e culturais dessa presença e contribuições para a construção da capital paranaense. As rotas tem a mediação de dois guias, os organizadores do projeto Adegmar José da Silva (o Mestre Kandiero) e Melissa Reinehr, ambos ativistas e fundadores do Centro Cultural Humaitá²⁵. Em cada trajeto eles apresentam 10 pontos do roteiro por meio da contação de histórias realizadas com música e poesia. Os pontos de partida e chegada variam conforme o trajeto definido pelos guias. Duas rotas da caminhada são realizadas no centro histórico da cidade, mas o projeto inclui um ponto distante desse centro como rota — o Memorial Africano, localizado na Praça Zumbi dos Palmares no bairro Pinheirinho — realizada em uma caminhada específica que complementa as possibilidades do roteiro. Cada percurso custa cinquenta reais e acontece de 5 a 6 vezes por ano, aos sábados. Os trajetos tem duração de 3 horas, com a

²² Em Curitiba existem mais dois roteiros que apresentam pontos que marcam a história da presença da população negra na cidade: Entre passos e história: Percurso Afro Curitiba, caminhada promovida pelo SISMMAC (Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba) e o Percurso AfroCuritiba (Projeto de extensão da Universidade Federal do Paraná).

²³ <https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta/a-linha-preta>

²⁴ Roteiro disponível no site do Projeto Linha Preta: <https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>

²⁵ Centro de Estudo e Pesquisa da Arte e Cultura Afro-brasileira. É um espaço dedicado a divulgação das histórias afro-paranaenses, desenvolvendo ações nas áreas de arte, cultura, educação e *advocacy*, além de realizar diversos eventos de identificação positiva da identidade afro no Paraná

participação de no máximo 30 pessoas.

Figura 2 - Mapa com o roteiro do Projeto Linha Preta.



Fonte: Imagem produzida pela autora a partir de mapa desenvolvido pelo Projeto Linha Preta. Disponível em <https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>. Acesso em: 28/04/2024

As rotas da Linha Turismo e da Linha Preta possuem elementos discursivos e estruturais que possibilitam sua comparação direta e uma leitura de suas particularidades na forma de produzir o espaço urbano (Lefebvre, 2006). Ambos apresentam diferentes perspectivas para as narrativas históricas da cidade. A partir da sobreposição de seus roteiros, pretende-se associar a escolha da forma de locomoção e de apresentar as histórias com a maneira de viver a cidade e com as estratégias adotadas para a produção do espaço urbano, considerando as dinâmicas sociais envolvidas nesse processo (Lefebvre, 2006).

Os Quadros 1 e 2 apresentam as imagens dos roteiros completos, com as descrições da forma de deslocamento, os pontos percorridos pelos percursos, seus recursos informativos e as formas de interação que cada trajeto proporciona aos seus participantes.

Quadro 1 - Mapa com a representação espacial do roteiro da Linha Turismo.

	LINHA TURISMO
	<p>Forma de deslocamento Ônibus especial com dois andares</p>
	<p>Roteiro 26 pontos que podem ser acessados sem uma rota pré-definida, permitindo que os locais sejam explorados sem a mediação de um guia.</p>
	<p>Recursos informativos Gravação com informações sobre os pontos turísticos, além de sinalização e materiais gráficos disponíveis nos locais visitados contendo informações históricas e sobre a constituição física dos espaços.</p>
	<p>Interação Os visitantes fazem escolhas individuais sobre os locais a serem visitados. A experiência é determinada pela circulação e interação entre pessoas e artefatos nos pontos turísticos.</p>

Fonte: Imagem produzida pela autora a partir de mapa desenvolvido no Google My Maps.

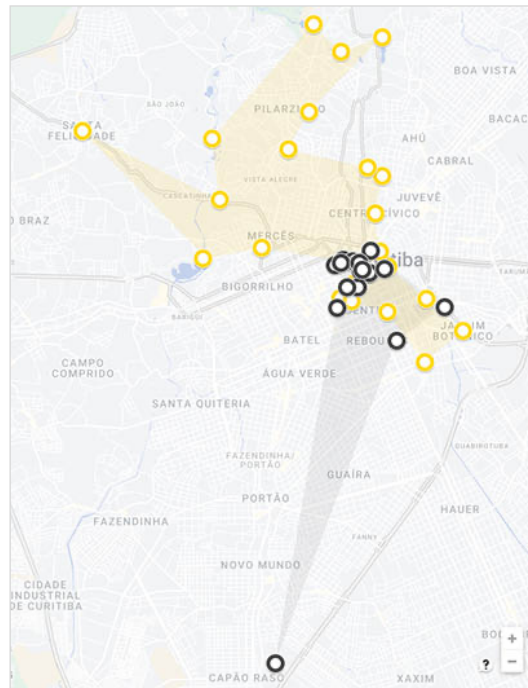
Quadro 2 - Mapa com a representação espacial do roteiro da Linha Preta.

	LINHA PRETA
	<p>Deslocamento Caminhada</p>
	<p>Roteiro 21 pontos com 3 rotas pré-definidas pelos organizadores do Linha Preta (2 rotas com 10 pontos cada e uma rota com o ponto fora do centro). O percurso se limita ao centro histórico e ao bairro Pinheirinho.</p>
	<p>Recursos informativos Os organizadores do projeto apresentam informações históricas por meio da oralidade, música e poesia. Além disso, utilizam artefatos de sinalização encontrados nos pontos do roteiro como apoio.</p>
	<p>Interação A mediação direta dos guias e a interação com outros visitantes e transeuntes proporcionam uma experiência coletiva e compartilhada do espaço urbano.</p>

Fonte: Imagem produzida pela autora a partir de mapa desenvolvido no Google My Maps.

A figura 3 apresenta a sobreposição dos roteiros onde pode-se observar a concentração de pontos em uma determinada área e os deslocamentos geográficos do percurso nas duas linhas.

Figura 3 - Mapa com a sobreposição dos roteiros da Linha Turismo e do Linha Preta.



Fonte: Imagem produzida pela autora a partir de mapa produzido no Google My Maps.

O projeto da Linha Turismo envolve a locomoção via ônibus, que permite a distribuição dos pontos turísticos por diferentes bairros, muito embora a rota se concentre em uma região específica²⁶ da cidade. Essa forma de circular pelo espaço urbano mediante a intermediação do ônibus, traz o ponto de vista do passageiro em trânsito para a vivência do espaço. Uma experiência sensorial de imagens transitórias e fragmentadas pelo movimento do veículo. O som da narração gravada com as características dos espaços em conjunto com os ruídos do trânsito complementa a experiência do deslocamento. Embora o trajeto seja realizado coletivamente, o roteiro não estimula a interação entre as pessoas; cada pessoa ou grupo escolhe seu pontos de interesse de forma autônoma. As relações produzidas no espaço social se realizam por meio da circulação nos ambientes turísticos, como parques construídos por meio da domesticação e planejamento do ambiente natural e monumentos arquitetônicos como os marcos e portais que simbolizam a presença das etnias destacadas no roteiro da linha.

Em contraste, o Projeto Linha Preta é realizado a partir de uma caminhada, com foco na região central da cidade. O ponto que se distancia do centro²⁷ é o Memorial Africano²⁸, localizado

²⁶ A região do roteiro Linha Turismo passa por diferentes bairros e tem a concentração de renda média entre 4 a 14 salários mínimos. Fonte: IBGE – Censo 2010.

²⁷ A região central tem renda de 4 a 6,9 salários mínimos e o bairro Pinheirinho de 2 a 3,9 salários mínimos. Fonte: IBGE – Censo 2010.

²⁸ Espaço inaugurado para homenagear o continente africano em virtude da Copa do Mundo de Futebol de 2010, realizada em diferentes países do continente.

na Praça Zumbi dos Palmares. A caminhada coletiva pela trama do espaço urbano, oferece a perspectiva do pedestre para a vivência da cidade. A linha do olhar escapa por entre as brechas das construções e o movimento coletivo dos corpos que fazem parte do percurso. O movimento dos pés no terreno irregular e os sons da cidade se misturam às histórias contadas pelos guias em cada parada nos locais da rota. A experiência se complementa com os comentários dos participantes e transeuntes que circulam e muitas vezes interferem na dinâmica do grupo. Mesmo com um roteiro pré-determinado, a percepção de produção coletiva do espaço social se realiza nas relações estabelecidas no percurso.

Ao analisar as diferenças nas perspectivas discursivas, na localização dos pontos geográficos e nos deslocamentos dos percursos presentes nos dois roteiros, podemos traçar uma relação com a ideia de margem presente nas abordagens de Tony Fry (1989, 2017) e Ana Calvera (2005). Ambos os pesquisadores analisam os conceitos de margem e periferia a partir de diferentes perspectivas. Fry (1989) foca nas implicações filosóficas e políticas das margens, refletindo sobre as relações de poder entre os diferentes centros (eurocêntricos, coloniais) e o “outro”, aquele que está nas bordas e que estabelece relações de troca e redes de conhecimento estabelecidas com diferentes centros (Fry, 1989). Essa ideia de marginalidade nos ajuda a contextualizar a noção de geografia marcada pelo espaço social, histórico e econômico que aparecem nas relações de troca e por meio delas (Fry, 1989). Em outro artigo, *Design for/by “The Global South”*, o autor aborda a ideia do pensamento de fronteira como uma “forma emergente de pensar” (Fry, 2017, p.11) que proporciona uma crítica à hegemonia do pensamento eurocêntrico e colonial.

Calvera explora a ideia de margem e periferia a partir das dinâmicas históricas e geográficas encontradas nas narrativas sobre a historiografia do design. Ela trata da abordagem periférica como uma forma de “combinar informações geo-econômicas e periféricas com questões culturais na análise de uma realidade de design”²⁹ (Calvera, 2005, p. 374). Em seu artigo, Calvera (2005) trata do policentrismo como forma de construir narrativas periféricas considerando suas complexidades e a pluralidade de histórias paralelas que as constituem. O ponto de convergência entre os autores é o entendimento sobre a complexidade das relações marcadas pelo posicionamento periférico e a valorização da pluralidade das narrativas daqueles que estão à margem, seja em termos geográficos ou socioculturais. Nesta abordagem, o conceito de marginalidade tem como base as relações de poder e as redes de troca e conhecimento estabelecidas (Fry, 1989). Nesse sistema de circulação, “a centralidade se desloca” (Lefebvre, 2006, p. 450) e fragmenta em múltiplos centros (Calvera, 2005). A posição do que está nas margens não é fixa. Seus deslocamentos fluidos resultam de interações complexas entre diversos centros de poder e conhecimento.

A proposta de relacionar esses conceitos ao objetivo desta pesquisa é traçar um paralelo entre as histórias marginalizadas, frequentemente deixadas fora do enquadramento histórico dominante, tanto no campo do design quanto na produção do espaço urbano, neste contexto específico pela população negra. Histórias à margem, nas bordas dos contextos sociais, políticos e econômicos, são um campo de resistência e disputa contra o pensamento hegemônico, eurocêntrico e colonial. Essa forma de reflexão deveria fazer parte do campo de estudos do design, ampliando suas percepções sobre a produção de materialidades e subjetividades no espaço social.

Além de contribuir com reflexões sobre as margens das histórias periféricas, a pesquisadora Ana Calvera (2005) também aponta direções para uma abordagem na investigação da história do

²⁹ Tradução da autora para “[...] combining geo-economic information with cultural issues into the analysis of a Design reality because it can be understood completely in terms of intellectual or knowledge production.”

design. Uma dessa abordagens dialoga com o método de investigação proposto neste estudo, que procura encontrar pontos e aspectos a serem comparados e sobrepostos nos roteiros apresentados, identificando suas semelhanças e diferenças. Nessa abordagem, busca-se trabalhar do “particular para o geral” (Calvera, 2005), e ao compartilhar suas particularidades pensar em modelos interpretativos mais amplos, adaptados às particularidades das realidades locais (Calvera, 2005). Ela aborda o método comparativo como um possível instrumento para apresentar uma perspectiva que vá além das restrições impostas pelo contexto histórico e geográfico em que esses elementos se encontram. Se a história fosse organizada geograficamente, a narrativa maior poderia emergir por meio da comparação de situações particulares colocadas em um mapa elaborado como uma rede³⁰. (Ana Calvera, 2005, p.381)

A abordagem comparativa dos roteiros das linhas histórico-turísticas, apresentada nos Quadros 1 e 2, explicita as aproximações e diferenças de um dos pontos comuns aos dois roteiros: o Paço da Liberdade.

5.1 Paço da Liberdade

Inaugurado em 24 de fevereiro de 1916, o Paço da Liberdade foi construído no local onde ficava o antigo Mercado Municipal e funcionou como sede da Prefeitura Municipal de Curitiba até 1969. Posteriormente, o edifício passou a ser sede do Museu Paranaense no período de 1974 até 2002, sendo restaurado e reinaugurado em 2009 como um centro cultural. Até 1948 o espaço tinha o nome de Paço Municipal e no dia 3 de fevereiro de 1948, o então prefeito João Kracik Neto sancionou a lei que decertou a mudança do nome do edifício para Paço da Liberdade, em consonância com as mudanças do período pós Segunda Guerra Mundial e o estabelecimento da nova Constituição Federal³¹. A região onde se localiza o imóvel foi um espaço importante de circulação da população negra na cidade. Muitos negros viviam e trabalhavam em seus arredores, tanto durante o período da escravidão quanto após a abolição da escravatura no Brasil (Santos, Braga e Pinheiro, 2019).

Tanto a Linha Turismo quanto a Linha Preta, se apropriam da construção arquitetônica do Paço da Liberdade e do seu entorno, para apresentar suas narrativas, no entanto, o movimento de enquadrar e dar destaque a determinados aspectos da história é bastante distinto em cada um deles. Para efeito de comparação apresento apenas as descrições disponíveis nos sites de ambos os projetos.

O roteiro da Linha Turismo descreve as características materiais do patrimônio edificado³², destacando seu estilo arquitetônico, os vestígios de ornamentação e a história das diferentes funções do espaço ao longo do tempo. Essa descrição não contextualiza a história do entorno da edificação, nem dos usos que as pessoas que circularam na região atribuíram àquele espaço e ao seu entorno.

³⁰ Tradução da autora para “*If history were to be organized geographically, the larger narrative could emerge through the comparison of particular situations placed on a map drawn up as a network.*”

³¹ Revista Paço: publicação especial em comemoração ao Paço da Liberdade. Curitiba. 16 fev. 2016. Disponível em: https://issuu.com/fecomercioppr/docs/num1/5#google_vignette

³² Em uma noção de patrimônio institucionalizado, vinculado à ações do Estado na defesa de uma “herança pública a ser preservada para o futuro” (Zanirato, 2018, p. 10). Em seu texto, Zanirato trata das relações entre patrimônio e identidade de modo a “verificar a pertinência e os desafios dessas relações nos processos de ativação patrimonial” (Zanirato, 2018, p. 11).

Figura 4 - Descrição do Paço da Liberdade na Linha de Turismo da cidade de Curitiba.

8 - Paço da Liberdade



Construção de 1916 com detalhes nos estilos neoclássico e art nouveau, antiga sede da prefeitura de Curitiba. Foi restaurado, mantendo as características originais do edifício. Dentro é possível observar amostras da pintura original e trechos do sistema de escoamento da água através de pisos de vidro (antes do prédio da Prefeitura, o local abrigava o Mercado Municipal). Hoje é um espaço cultural com café, livraria, biblioteca, auditório e salas para exposições e realização de cursos. É tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Abre de terça a sexta, das 10h às 21h, sábados das 10h às 17h45, e domingos e feriados das 11h às 17h.

Local de embarque: Rua Riachuelo, em frente ao Paço da Liberdade

Fonte: Instituto Municipal Curitiba Turismo. Disponível em <https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/linha-turismo/10>. Acesso em: 06/05/2024.


A fotografia da construção arquitetônica, capturada de forma aérea e distante da circulação de pessoas no espaço, em diálogo com a informação textual expõe uma perspectiva de distanciamento entre a materialidade e a vivência do espaço urbano.

Em contraposição, o roteiro do Linha Preta apresenta dois artefatos urbanos localizados no entorno do espaço arquitetônico do Paço da Liberdade: o Pelourinho³³ e a estátua Água para o Morro³⁴. O conteúdo do site do projeto situa historicamente os usos do espaço urbano pela população que fez parte desses lugares e apresenta as histórias relacionadas aos dois artefatos urbanos localizados no entorno do Paço da Liberdade. Esses artefatos, que fazem parte das representações da história da população negra na cidade, não dispõem de muitas informações visíveis para quem circula ao seu redor.

³³ Placa instalada em 1968, na praça José Borges de Macedo, no local onde supostamente foi erguido o Pelourinho de Curitiba, no século XVII. A placa fornece informações sobre a data em que foi instalado o Pelourinho (4 de novembro de 1668) e sobre a pessoa que ordenou sua instalação (Gabriel de Lara, Capitão Mor e Procurador do Marquês de Cascais, Senhor das Terras da Capitania de Paranaguá). Fonte: <https://www.turistoria.com.br/o-pelourinho-de-curitiba-ou-o-que-restou-dele>

³⁴ Reprodução de 1996 da estátua original, de autoria do escultor paranaense Erbo Stenzel. Feita em bronze, a obra foi apresentada no Salão Nacional da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1944. A obra representa Anita (Emerenciana) Cardoso Neves, escultora, compositora de sambas-enredo e poeta negra. Fonte: <https://www.elianabrasilperformer.com.br/agua-pro-morro>

Figura 5 - Descrição dos artefatos referentes ao Paço da Liberdade, apresentados na Linha Preta.




ÁGUA PRO MORRO

Praça José Borges de Macedo - Centro,
Curitiba - PR - 80020-220

Por **Pamella Garcia**

Em meados de 1944 o artista curitibano, descendente de alemães e austriacos, Erbo Stenzel, frequentava a Academia Nacional de Belas Arte no Rio de Janeiro. Em um de seus trabalhos, Erbo precisou apresentar um trabalho sobre escultura, e foi assim que teve a ideia da criação de uma das obras mais importantes de sua carreira, **"Água pro morro"**, também conhecida como **"Maria lata d'água"**.


A bela escultura atrás das Arcadas do Pelourinho, em Curitiba, não foi apenas uma criação, ela tem nome, Anita Cardoso Neves. A modelo de umas das obras mais importante de Curitiba, no entanto, segundo conta-se não conseguiu viver com seu grande amor.



A criação da obra veio do afeto pela trajetória de vida dos negros e negras no Brasil. A proposta era produzir uma representação da caminhada de uma afro-brasileira em seu dia-a-dia.

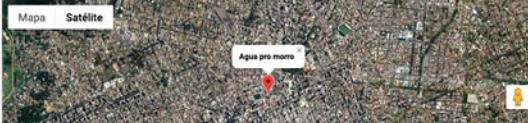
A obra traz fortes traços de sensualidade, sem expor o corpo da mulher, que apenas se insinua sob as roupas que parecem molhadas. "Maria lata d'água" mostra-se caminhando com um balde de água, um dos afazeres quotidianos da época.

E escultura de Erbo Stenzel foi fundida em bronze pelo município em 1995, sendo considerada umas das obras mais importantes da cidade.



Compartilhe nas redes sociais

[Compartilhar](#)



Fonte: Projeto Linha Preta. Disponível em <https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>. Acesso em: 06/05/2024.

Figura 6 - Descrição dos artefatos referentes ao Paço da Liberdade, apresentados na Linha Preta.



ARCADAS DO PELOURINHO

Praça Generoso Marques, 189 - Centro,
Curitiba - PR, 80020-220

Por **Ricardo Alcântara**

Antes de ser "da Liberdade", o local onde fica o Paço da Liberdade, na Praça Generoso Marques, 189 - Centro de Curitiba, era sinônimo de dor, sofrimento e castigos em escravos rebelados contra o regime escravocrata, materializado num poste de madeira com argolas de ferro, erguido em praça pública, chamado **Pelourinho**.

Construídos em Portugal, desde pelo menos o século XII, os pelourinhos eram instalados no centro das vilas ou das cidades e simbolizavam a sua "justiça". O de Curitiba foi levantado em 4 de novembro de 1668, por Gabriel de Lara, então capitão mor e procurador do marquês de Cascais, senhor das Terras da Capitania de Paranaguá. Sua instalação era uma das condições impostas pela coroa portuguesa para a elevação do povoado à condição de vila.

Foi instalado onde hoje é a Praça José Borges de Macedo, que na época era parte do Largo da Matriz (atualmente Praça Tiradentes), e elevou o povoado de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais a condição de vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, que vinha a se transformar na cidade de Curitiba.

No Brasil, diferente de Portugal, o local era designado para aplicação do castigo aos condenados pela justiça, onde eram amarrados e chicoteados. Era um instrumento de punição legal utilizado pelos portugueses em todas as cidades da época colonial, além de símbolo de opressão do governo português.



Embora não existam dados concretos sobre quantos escravos foram castigados no Pelourinho, de acordo com a professora e historiadora Amanda Cieslak, o que se sabe é que não servia para punir criminosos em geral. "Como o Brasil constituía-se como uma sociedade escravocrata e de privilégios, o pelourinho serviu notadamente para castigar escravos", conta a historiadora.

Deixou definitivamente de existir em 1822, após a Independência do Brasil, foi derrubado por representar um símbolo do governo e do domínio português. Em 1994 foi erguida nesse mesmo lugar as Arcadas do Pelourinho. O local possui banca de revista, lojas, cafeteria e floricultura. Em 1996, a praça ganhou a Fonte Maria Lata D'Água, com escultura do paranaense Erbo Stenzel.



Fonte: Projeto Linha Preta. Disponível em <https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>. Acesso em: 06/05/2024.

O ponto de vista do caminhante é a abordagem adotada pelo Projeto Linha Preta, e isso se reflete nas imagens e vídeos apresentados no site. As informações textuais, além de contextualizar os usos do espaço por meio de relatos históricos, também revelam as histórias das pessoas que fizeram parte da produção do espaço urbano de Curitiba.

6 Considerações finais

Por meio do contraste dos roteiros histórico-turísticos, apresentados como referência para a análise da presença da população negra na produção do espaço urbano de Curitiba, buscou-se identificar as similaridades e os tensionamentos nos movimentos de enquadramento da memória na cidade. Tanto a Linha Turismo quanto a Linha Preta, ao serem considerados roteiros históricos e turísticos, oferecem diferentes perspectivas na apresentação dos artefatos que constituem a história de Curitiba.

A partir do contraste e sobreposição dos roteiros, é possível identificar as distintas práticas sociais experimentadas em seus percursos. O ponto de vista com o qual se percebe a cidade, moldado pela forma de locomoção no espaço urbano e pela transmissão das informações históricas, revela elementos que diferenciam as maneiras de vivenciar a cidade. O trajeto da Linha Turismo possibilita o deslocamento motorizado pela cidade, contido em espaços turísticos compartilhados, em uma experiência autônoma e individualizada na escolha dos lugares a serem visitados e na transmissão das informações. Seu contraponto, o projeto Linha Preta, utiliza a caminhada como meio de circulação entre os pontos de seu roteiro e proporciona uma experiência coletiva tanto na transmissão das informações quanto na apropriação e vivência dos espaços urbanos.

A sobreposição dos roteiros, com foco na análise do espaço do Paço da Liberdade, foi o método utilizado para observar as particularidades com que os projetos evidenciados neste artigo, se apropriam dos lugares na produção do espaço urbano. A similaridade encontrada entre os projetos reside no uso da materialidade dos elementos que constituem a dimensão da prática espacial, do espaço percebido (Lefebvre, 2006) como suporte de suas narrativas e contranarrativas históricas (Hall, 2003), disputando as memórias no campo do espaço vivido da cidade (Lefebvre, 2006). Isso se aplica tanto às construções arquitetônicas, monumentos, estátuas e artefatos de sinalização projetados para o turismo contemporâneo quanto aos vestígios históricos que refletem a produção do espaço urbano.

Conforme contextualizado anteriormente, a narrativa institucional, representada nessa investigação pelo Instituto Municipal Curitiba Turismo, exclui de seu roteiro a presença de populações marginalizadas na história oficial da cidade. Ambas as abordagens dos roteiros apresentados produzem o espaço urbano com perspectivas históricas muito distintas, principalmente no que se trata da presença da população negra na produção desses espaços. A presença das populações marginalizadas na tessitura da trama do espaço urbano, amplia a diversidade de “repertórios alternativos” (Hall, 2003, p. 346) que friccionam e ampliam as representações das cidades.

Problematizar e movimentar memórias enquadradas por narrativas hegemônicas, podem ampliar nossos “modos de fazer-pensar, nos objetos e nas experiências que gera e que circulam por suas ruas” (Correa, Dearmas e Angelero, 2018, p. 48). Praticar o deslocamento do olhar na observação das experiências produzidas no espaço das cidades pode expandir nossa capacidade de conceber lugares, objetos e dinâmicas sociais mais diversas e inclusivas, que incorporem a prática do dissenso como modo de projetar e produzir o espaço urbano.

Ao explorar algumas das possibilidades de leitura das diferentes formas de circulação pelo

ambiente urbano, tomando como base a observação e análise das interações sociais produzidas pelos usos de seus elementos físicos e concretos, esta aproximação com o tema buscou ressaltar as disputas de narrativas na produção das diferentes formas de vivenciar a cidade. Neste artigo, não foram contemplados fatores como a intersecção de raça, classe e gênero na leitura da construção social das representações espaciais, deixando estes e outros temas como possibilidades para pesquisas futuras.

7 Agradecimentos

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná por me receber neste início de jornada como pesquisadora. Agradeço às professoras Claudia Zacar e Yasmin Fabris, da disciplina Estudos em Teoria e História do Design, por suas contribuições para a construção dos fundamentos deste artigo. Ao meu orientador, Prof. Ronaldo de Oliveira Corrêa, pelo incentivo e contribuições teóricas para a escrita deste texto. E aos colegas das disciplinas do programa e do Grupo de Pesquisa em Teoria, História e Crítica do Design, por todo o aprendizado compartilhado.

8 Referências

ALBIERI, Sara. **História pública e consciência histórica**. In: ALMEIDA, Juniele R. de; ROVAL, Martha G. de O. (orgs). Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ALMEIDA, G. G. F. de; ENGEL, V. **A cidade-mercadoria e o marketing urbano na (re)construção da imagem dos espaços públicos**: o caso da marca da cidade do Rio de Janeiro | The merchandise city and urban marketing in (re) constructing the image of public spaces: the case of the city of Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 89, 2017. DOI: 10.22296/2317-1529.2017v19n1p89. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5202>. Acesso em: 9 jul. 2024.

CALVERA, Anna. **Local, Regional, National, Global and Feedback**: Several Issues To Be Faced With Constructing Regional Narratives. Journal of Design History, v. 18, n. 4, 2005. <https://www.jstor.org/stable/3527242?seq=4>

CAMPI, Isabel. **Teorías Historiográficas del Diseño**. In: CAMPI, Isabel. La Historia y las Teorías historiográficas del Diseño. México: Editorial Designo, 2013. pp. 31-103.

CORREA, Gonzalo; DEARMAS, Lisette Grebert; ANGELERO, Rodrigo Gómez. **Urbanismo desde abajo. Experimentando la ciudad y sus prácticas**. INMATERIAL. Diseño, Arte y Sociedad, v. 3, n. 5, p. 21-52, 2018. <https://raco.cat/index.php/Inmaterial/article/view/343372/434453>

FRY, Tony. **A geography of power**: design history and marginality. Design Issues, Vol. 6, No. 1, Design in Asia and Australia (Autumn, 1989), pp. 15-30. <https://www.jstor.org/stable/1511575?seq=4>
_____. **Design for/by “The Global South”**. Design Philosophy Papers. Londres: Editora Taylor & Francis Online; VOL . 15, NO . 1, 3–37, 2017.

Gomes, Flávio dos Santos; Lauriano, Jaime; Schwarcz, Lilia Moritz. **Enciclopédia negra**: Biografias afro-brasileiras (Portuguese Edition). São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2016.

_____. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

_____. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 17 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

LEFBVRE, Henri. **A Produção do Espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La Production de L'Espace. 4. ed. Paris: Ed. Anthropos, 2000). Primeira versão: início – fev. 2006.

IURKIV, José Erondy (2002). **Romário Martins e a historiografia paranaense**. Educere, Toledo, UNIPAR, v. 2, n. 2, jul./dez, p. 123-132.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Negros em Curitiba: experiências na escravidão**. In: BARACHO, Maria Luiza Gonçalves; SUTIL, Marcelo Saldanha (orgs.). Presença Negra em Curitiba. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2020.

_____. **ESCRavidão, Africanos e Afrodescendentes na “Cidade Mais Europeia do Brasil”**: IDENTIDADE, MEMÓRIA E HISTÓRIA PÚBLICA. Tempos Históricos, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 218–240, 2016. DOI: 10.36449/rth.v20i1.13138. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/13138>. Acesso em: 9 jul. 2024.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

SANTOS, Brenda M. L. O.; BRAGA, Geslline G.; PINHEIRO, Larissa B. L. G. **Dos traços aos trajetos: a Curitiba negra entre os séculos XIX e XX**. Boletim Casa Romário Martins. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.37, n.149, nov. 2019.

SCHWARCZ, Lilia M.; **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZANIRATO, Silvia Helena. **Patrimônio e identidade: retórica e desafios nos processos de ativação patrimonial**. Revista CPC, v.13, n.25, p.7–33, jan./set. 2018. DOI:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v13i25p7-33>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/issue/view/10532>. Acesso em: 09 jul. 2024.